

CONSIDERAÇÕES SOBRE O REALISMO ANIMISTA A PARTIR DA LEITURA DO CONTO “A MORTE DO VELHO KIPACAÇA”, DE BOAVENTURA CARDOSO

Eni Alves Rodrigues*

Resumo

As narrativas literárias que integram as literaturas africanas de língua portuguesa trazem, comumente, o contexto histórico e social em que estão inseridas. Nelas, podem-se ver fortes traços de culturas e tradições africanas. Uma das particularidades das literaturas africanas é a forma de considerar a realidade, a morte e a temporalidade. Na busca de aporte teórico que melhor compreenda essas particularidades, tem-se discutido o conceito de “animismo”, conceito que reivindica uma reflexão sobre a realidade encenada na enunciação literária africana, de modo particular e original. Nesse sentido, este artigo procura refletir sobre o realismo animista – conceito utilizado por Pepetela (1989) e teorizado por Garuba (2003; 2014) e Saraiva (2007a, 2007b) e sobre a sua adoção na análise de narrativas africanas. Pretende-se construir o percurso do conceito de animismo, discutindo, sobretudo, sua relação com o insólito, para, em seguida, discutir o conceito de realismo animista. A discussão do conceito se fortalecerá com estratégias literárias presentes no conto “A morte do velho Kipacaça”, do angolano Boaventura Cardoso, em que a linearidade de tempo e a finitude da vida assumem outras interpretações. Espera-se discutir como o conto encena uma postura diante da realidade africana, como ressignifica a forma narrativa e quais estratégias literárias são adotadas pelo escritor.

Palavras-chave: Realismo animista. Literaturas africanas de língua portuguesa. Literatura angolana. Boaventura Cardoso. “A morte do velho Kipacaça”.

CONSIDERATIONS ON THE REALISM ANIMIST FROM THE READING THE TALE “THE DEATH OF THE OLD KIPACAÇA”, WRITTEN BY BOAVENTURA CARDOSO.

Abstract

The literary narratives that integrate the African literatures of Portuguese language bring, commonly, the historical and social context in which they are inserted. In them, it can see strong traces of African culture and tradition. One of the particularities of the African literatures is the way of looking at reality, death and temporality. In the search of theoretical contribution that better understand these particularities, the concept of “animism” has been discussed. This concept claims a reflection about reality staged on African literary enunciation in particular and original ways. In this sense, this article intends to reflect on the animist realism – term used by Pepetela (1989), theorized by Garuba (2003 and 2014) and Saraiva (2007), and its adoption for African narratives analysis. It is intended to build the concept of animism, discussing its backgrounds and relationships with the unusual, to then discuss the concept of animist realism. To illustrate the concept literally, analysis of the tale “The death of old Kipacaça”, written by the Angolan author Boaventura Cardoso, will be made. In this tale, the linearity of time and finitude of life assume other interpretations. It is expected to discuss how the tale stages a posture facing African reality, as resignify the narrative form and which literary strategies are adopted.

Keywords: Animist realism. African Literatures of language portuguese. Angolan literature. Boaventura Cardoso. The death of old Kipacaça.

Recebido em 09/02/2018
Aceito em: 14/02/2018

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutoranda em Letras: Literaturas de Língua Portuguesa – PUC M

Animismo, palavra que vem do latim *animu*, quer dizer espírito, vida. Harry Garuba (2014) irá considerar que o animismo é um modo de pensar a vida, sem os dualismos do modernismo. Sendo assim, as fronteiras entre natureza e sociedade, mundo dos objetos e dos sujeitos, mundo material e o de significados agenciados e simbólicos são menos confiáveis do que o projeto modernista havia decretado” (GARUBA, 2014, p. 2). Portanto, para o filósofo, o animismo seria uma lógica que subverte binarismos e “desestabiliza a hierarquia da ciência sobre a magia e da narrativa secularista da modernidade através da reabsorção do tempo histórico nas matrizes do mito e do mágico” (GARUBA, 2012, p. 42).

Nesta postura diferente de perceber o mundo, são conferidos outros sentidos às discussões existenciais do homem: sobre a morte, o tempo e o pensamento. Na perspectiva animista, a morte, que é vista no mundo ocidental como finitude, é um fator integrante da vida, um processo contínuo da existência humana em que a energia vital ainda pode ser experienciada. Essa perspectiva indica que a construção do conhecimento efetivada segundo referenciais teóricos europeus necessita ser repensada.

Na percepção animista de mundo, a linearidade do tempo é transgredida, a dualidade entre o antes e o depois cede espaço à interação, ao fluxo. A percepção de morte e a de tempo indicam que o pensamento e o discurso de culturas como as africanas podem contribuir para uma revisão de lugares epistemológicos e mesmo de conhecimentos antropológicos, sociais, científicos e outros, deslocando-os, inclusive, do lugar exótico em que foram muitas vezes colocados. Podemos, segundo Garuba (2014, p. 9), “não usar mais abertamente termos otimistas como ‘progresso’ e ‘civilização’, ou o mais depreciativo ‘selvagem’, mas encontramos vários sintomas deles em reflexões que intentam aboli-los”.

Em muitas discussões acerca do animismo, o ponto de partida do conhecimento europeu é posto em comparação com outras formas de pensamento que também oferecem condições de distinguir o que, em determinado conceito, é viável ou não viável.

Valeria ressaltar que o percurso do conhecimento humano vem fortalecendo o esforço para abrir espaços em que seja possível ouvir a fala de sujeitos silenciados pelos processos colonizatórios, e isso perpassa movimentos de abertura de espaços em que seja possível legitimar o direito à fala, aos discursos construídos por eles. A linguagem busca refletir a subjetividade em relação a uma realidade de que fazem parte formas diversas, inclusive estéticas, de abarcar os significados de vida desses sujeitos. Todo sujeito está inscrito na contemporaneidade, pois segundo Garuba (2014) todos os povos têm conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Muitas vezes esses conhecimentos mostram-se diferentes dos legitimados pelo ocidente, e nem por isso podem ser considerados desatualizados ou retrógrados, já que suas contribuições são válidas para se entender um tipo de pensamento que se construiria fora dos paradigmas europeus. Nesse sentido, vale acrescentar que a postura animista perante a vida é mais uma visão de mundo, é uma busca de inscrição no conhecimento da humanidade, segundo Garuba (2014). Para o teórico, o animismo tem como um de seus pilares uma concepção de tempo que rejeita a linearidade, reconhecendo a complexa integração de diferentes temporalidades, formações discursivas discordantes e diferentes perspectivas epistemológicas no mesmo momento histórico. Nesse sentido, torna-se necessário considerar, inclusive no plano estético, uma

linguagem capaz de representar esse conhecimento. Considere-se que “a lógica do pensamento animista fornece uma **abertura para se pensar em outras histórias da modernidade, além da trajetória linear e teleológica da narrativa histórica convencional**” (GARUBA, 2014, p. 10, grifo nosso).

Assumindo a “abertura de se pensar em outras histórias”, propomos realizar uma leitura de um conto do angolano Boaventura Cardoso, “A morte do velho kipacaça”, que dá título ao livro de que faz parte. Nesse conto, o autor se apropria do animismo africano e de tradições angolanas, principalmente as do povo banto e sua visão da morte, vendo a morte como parte da vida e não como um fim. O narrador nos conta uma história permeada de deslocamentos de uma visão de realidade que privilegia binarismos e oposições. A construção do conto se faz com base em cenas do cotidiano de um povo que percebe o mundo distante de fronteiras rígidas entre a realidade concreta, palpável e uma outra que transgride essa percepção.

Para melhor compreender o que se encena no conto de Boaventura Cardoso, é importante ressaltar afirmações constantes de cena do romance **Lueji**, de Pepetela, inscritas em proposta de “fustigar os dogmas” europeus e introduzir, na discussão, feições das culturas angolanas. O trecho seguinte expõe um diálogo interessante entre personagens do romance de Pepetela:

— Aqui não estamos a fazer país nenhum — disse Lu. — A arte não tem que o fazer, apenas reflecti-lo.

[...] Eu queria era fustigar os dogmas, *un, deux, foueté, un, deux, trois, quatre, plié...*

— Eu sei, Jaime. **Por isso te inscreves na corrente do realismo animista...**

— É. O azar é que não crio nada para exemplificar. E ainda não apareceu nenhum cérebro para teorizar a corrente. **Só existe o nome e a realidade da coisa.** Mas este bailado todo é realismo animista, dum ponta à outra. Esperemos que os críticos o reconheçam. [...] O Jaime diz que a única estética que nos serve é a do realismo animista — explicou Lu.

Como houve o realismo e o neo, o realismo socialista e o fantástico, e outros realismos por aí. [...] isto que andamos a fazer é sem dúvida alguma. E se triunfamos é graças ao amuleto que a Lu tem no pescoço. (PEPETELA, 1997, p. 451-456, apud SARAIVA, 2007a, p. 4, grifo da autora).

O diálogo entre as personagens do romance **Lueji**, de Pepetela, remete a uma forma estética que provavelmente estaria mais adequada às culturas africanas. Ao mesmo tempo em que a fala das personagens alude a termos legitimados por diferentes estéticas realistas (“realismo e o neo, o realismo socialista e o fantástico”), indica-se a possibilidade de se valer de um outro conceito, o de “realismo animista”. A fala das personagens nos autoriza dizer que, no conto “A morte do velho Kipacaça”, Boaventura Cardoso mostra-se profundo conhecedor de religiões e mitos angolanos, ao se valer de percepções características de uma visão de mundo calcada na experiência e na tradição, celebradas com recursos da criatividade literária, para resgatar feições das narrativas orais de predominância bantu. No conto analisado, temos a ficcionalização da tradição de povos africanos e angolanos, exposta na roda de conversa presidida por um ancião, para resolver um problema da comunidade. Composta pelos moradores do povoado, a roda de conversa discute as possíveis causas da falta de chuva: “Eh! Motivo do

encontro tem batucada muximante: quem faz a chuva não ter chuva? Seca no lugar da chuva?” (CARDOSO, 2004, p. 35). Os motivos alegados podem provocar um estranhamento para o leitor, pois as causas apresentadas surgem de opiniões e suposições que se valem de elementos insólitos, ou seja, aqueles que subvertem a realidade por parecerem incomuns. Pode-se dizer que, por serem incomuns, não habituais ou sobrenaturais, poderiam ser agrupadas na categoria que Vargas e Silveira (2014, p. 1) denominam de “insólito ficcional”. Por outro lado, a presença do aparentemente estranho e do inusitado no texto literário tem sido avaliada com base em elementos de estéticas transgressoras, como a do “realismo mágico” e do “real maravilhoso”, na perspectiva hispano-americana, e do “realismo animista”, na perspectiva africana.

Poderíamos nos perguntar se os conceitos de realismo mágico e real maravilhoso contemplariam narrativas que se valem de percepções animistas de mundo, como as africanas. Se considerarmos algumas discussões propostas por teóricos que discutiram o realismo mágico e o real maravilhoso, percebemos que tais conceitos procuram ressaltar uma forma de realidade em que as fronteiras entre realidade e sonho, realidade e imaginação são abolidas e que teóricos, como Uslar Pietri, da Venezuela, e Alejo Capentier, de Cuba, consideraram condizentes com a singularidade histórica e cultural de povos hispano-americanos. Nesse sentido, podemos dizer que tanto o realismo mágico quanto o real maravilhoso explicariam percepções exploradas pelo conto de Boaventura Cardoso, sobretudo os ligados a uma postura diante do mundo encenado pela ficção. No entanto, os conceitos deixam de abarcar alguns procedimentos que, na narrativa de Boaventura Cardoso, são característicos do cotidiano de povos africanos, sobretudo o modo como se consideram o tempo, a vida e a morte. Esta percepção é acolhida pelo “animismo”, que está diretamente relacionado com o modo de pensar e viver a realidade. A ficcionalização dessa forma de percepção da realidade estaria assim mais afeita ao que tem sido nomeado como “realismo animista”, sobretudo a partir das reflexões de Harry Garuba, em textos publicados em 2012 e 2014. Esse conceito tem-se difundido entre autores africanos, quando consideram feições de suas obras, entre críticos literários africanos e também estudiosos das literaturas africanas, como Saraiva (2007a; 2007b).

A leitura do conto “A morte do velho kipacaça” demonstra serem fortes os elementos animistas assumidos pela narrativa. Dentre esses elementos, podem ser destacados os sinais dados aos personagens pela natureza, como podemos perceber neste trecho da narrativa:

Vento, companheiro da seca, tem anúncio trazendo frescura debaixo da ndenga. Um pouco distante remoinho levanta montanha de areia e corre parece na direção do local da reunião e depois remoinho se esgueira parece ter espírito estão lhe fazer ngó correr. Eh! (CARDOSO, 2004, p. 37).

Aliado a uma natureza que se comunica com os homens, percebemos um tempo narrativo não linear dos fatos. O narrador, ao mesmo tempo que alude à personagem Mana Tereza que está sentada na cadeira, após seu marido sair para a caça, por rememoração, traz o próprio Kipacaça morto para narrar a partida dele para a caça. A estratégia narrativa remete à concepção animista em que há simultaneidade da vida e da morte. Segundo Vargas e Silveira (2015, p. 7), tais simultaneidades são possíveis em culturas em que podem coexistir “o mundo do ancestral, o mundo dos vivos e dos que ainda não nasceram... [e] o quarto espaço, o continuum

escuro de transição, onde ocorre a inter-transmutação da essência ideal e da materialidade.” Assim vemos encenada no conto uma morte cometida por um espírito de um morto, numa das histórias que compõem a narrativa: o sábio afirma que “quem matou o filho alheio da Kakinda foi o espírito de Sebastião Kusebeca.” (CARDOSO, 2004, p. 34). Afirma-se uma concepção animista de mundo em que se desarticulam a dualidade conceitual típica da visão eurocêntrica e perspectivas dicotomicamente pensadas, como, por exemplo, morte e vida.

Para se recriar a cosmovisão africana, sem ficar apenas no reduzido recurso de releitura da tradição, da oralidade ou do sagrado animista, Boaventura Cardoso explora recursos estéticos para construir a materialidade do texto ficcional. Esses saltam aos olhos do leitor, pois, segundo o escritor, um mundo diferente não pode ser narrado de modo comum. Utilizam-se recursos linguísticos que abordam feições do léxico e suas sonoridades: “Ngana Kapiapia, na boca dele tem sempre palavra, se levanta **ngo** assim e fica claro para todos que ele, **palavroso**, vai **palavrar**. Eh!” (CARDOSO, 2004, p. 35, grifo nosso).

O que podemos perceber, na citação anterior, é explicado pelo escritor quando nos fala, em uma de suas entrevistas, sobre seu modo de escrever: “A tradição entra no texto enquanto forma e não apenas tema” (SARAIVA, 2007, p. 4). Ainda com relação à forma narrativa, temos um narrador performático (MOREIRA, 2005) que performa o que diz com gestos e com uso de onomatopéias como: “Pum!Pum!Pum! E a pacaça, unh!, morreu assim” (CARDOSO, 2004, p. 37). Nesta narrativa ritmada, própria de uma cultura acústica, para usarmos uma expressão de Miguel Lopes (2004), temos ainda o plurilinguismo que o autor ressignifica ao utilizar o idioma kimbundu - umas das línguas angolanas - entrelaçando-o ao português, para abordar uma história que remete a contos da oratura e a estratégias de produção de sentidos mais afeitas ao seu universo narrativo.

Essa pluralidade de estratégias literárias exhibe o jogo narrativo do realismo animista, que não reforça a ideia de primitivismo ou de desconhecimento do cânone literário. Tais estratégias ressaltam que o “‘diálogo pela diferença’ e a ‘recusa da linha dos sentidos únicos’, aliados àquele movimento dialético entre “o isto *e* ou aquilo” [...] e que são parâmetros para o estudo dessas obras literárias através de lentes menos reducionistas.” (SARAIVA, 2007b, p. 3).

O jogo narrativo do conto encena um enredo com multiplicidade de recursos literários; e assim, pode produzir vários sentidos e promover uma leitura mais abrangente das literaturas africanas em culturas diversas. Portanto, ao ler o conto “A morte do velho kipacaça”, deparamos com um narrador que nos conta de uma investigação de quem seria o culpado pela ausência da chuva, algo que, para uma visão cartesiana, estaria inscrito num sistema racional de possibilidades. Esta visão explicaria a seca por motivos concretos: desmatamento, aquecimento global, etc. No entanto, somos conduzidos por uma história composta de histórias, que, num primeiro momento, poderia se aproximar do realismo “maravilhoso” de Alejo Carpentier, para quem o conteúdo narrado é “constituente de uma realidade social representada no romance, afastando-o de um conteúdo artístico criado, “inventado” (SARAIVA, 2007b, p. 5). No entanto, como explica Saraiva, devemos considerar que o conceito de real maravilhoso, de Carpentier, não abarca a diversidade da cosmovisão africana diante de fatos da vida cotidiana, pois se funda na observação de outras culturas, sobretudo a hispano-americana e a haitiana.

O conto distancia-se ainda do conceito de fantástico, considerado por Todorov, porque não contém um momento de hesitação de personagens e mesmo do leitor. Ao ler o conto de Boaventura Cardoso, o leitor se desvencilha de fazer uma leitura do sobrenatural porque o termo não se adapta ao mundo narrado pelo conto. De certa forma, mesmo explorando elementos que poderiam ser considerados inusitados ou insólitos, o conto aborda modos e percepções próprias da integração do homem com a natureza e de manifestações da força vital, poderes que podem transgredir considerações de mundo muito singulares. O conto analisado explora percepções de mundo que estariam mais próximas do realismo animista, no sentido dado por Garuba (2014), uma vez que a história contada se assenta plenamente no contexto social e cultural ficcionado, em que é possível o próprio morto afirmar sua morte, na cerimônia de seu funeral: “Cantem em memória do Kipacaça, rei da mata, campeão do tiro caçante, dono da caçada, o Rei dos caçadores. Cantem e dance! Kuatiça o ngoma! Eu estou morto!” (CARDOSO, 2004, p. 63).

O personagem do velho Kipacaça ressurgiu dos mortos nas festividades de seu próprio funeral e, para demonstrar que a tradição também se altera, podendo assumir elementos de outras tradições, hibridizando-se, o narrador inclui nessa aparição um símbolo daqueles mortos que se ressuscitam e se santificam: Kipacaça “tem na volta dele auréola luzidia!” (CARDOSO, 2004, p. 62).

Enfim, a realidade encenada no conto traz, na forma e no conteúdo, estratégias literárias que estão investidas de uma postura de interação homem-natureza, da simultaneidade de tempos e do contínuo da vida com a morte. Esses elementos nos permitem ler o conto pelo viés do realismo animista, conceito que, como já dito, é defendido por teóricos autores africanos, como Harry Garuba (2012), que considera o conceito próprio de um processo de “reencantamento do mundo”, conforme podemos intuir de suas palavras:

É tentador prosseguir sem fornecer definições funcionais para os termos que estou empregando tão livremente até agora. Porém, a imprecisão do termo animismo propriamente dito exige cuidado e nos força a pausar, apenas por um momento, para examiná-lo aos conceitos que tentei construir em torno dele. Estou ciente da quantidade de bagagem conceitual que esses termos carregam. Entretanto, decidi descrever a prática de continuamente reencantar o mundo como uma manifestação do inconsciente animista, a fim de afastar a discussão da carga de Essencialismo, que provavelmente surgiria se isso fosse visto como o instinto natural, imutável, coletivo de um povo e evitar os binarismos culturais que investigações desse tipo muitas vezes inconscientemente impõem. (GARUBA, 2012, p. 238).

A escrita reinventada por Boaventura Cardoso, na sua vasta obra, e neste conto em particular, nos leva para além das formas e dos conteúdos canônicos, e amplia aquilo que já nos é caro, o aspecto múltiplo e processual da arte literária.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Boaventura. **A morte do velho Kipacaça**. Luanda: Edições Maianga, 2004.
- CARPENTIER, Alejo. Prólogo. In: CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Tradução de João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1985.
- CHIAMPI, Irlemar. O mágico e o maravilhoso e a forma discursiva do Realismo Maravilhoso. In: **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.
- GARUBA, H. On animism, modernity/colonialism, and the African order of knowledge: Provisional reflections. **e-flux** 36. 2014. 10p. Disponível em: <<http://www.e-flux.com/journal/36/61249/on-animism-modernity-colonialism-and-the-african-order-of-knowledge-provisional-reflections/>>. Acesso em: 11 out. 2017. (Tradução de Alice Peixoto. Manuscrito).
- GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução de Elisângela da Silva Tarouco. **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 235- 256, 2012.
- LOPES, Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique**. São Paulo: Editora Educ, 2004.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.
- PIETRI, Arturo Uslar. Realismo mágico. In: **Biblioteca virtual Miguel de Cervantes**. s/d. p. 273-278. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/nuevo-mundo-mundo-nuevo-0/html/ff6f6ef8-82b1-11df-acc7-002185ce6064_10.html>. Acesso em: 11 out. 2017.
- SARAIVA, Sueli. O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa. **Anais Encontro Regional da ABRALIC, 2007a**, p. 1-10. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/80/107.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.
- SARAIVA, Sueli. Fustigar os dogmas: Singularidades da crítica africana e africanista. **Revista Crioula**, n. 2, 2007b. 10p.
- VARGAS, Débora Jael R.; SILVEIRA, Regina da Costa. O insólito na literatura e a cosmovisão africana. **Letras & Letras**, v. 30, n. 1, p. 207-218, 2015.